

TOM STOPPARD

Rock 'n' roll e outras peças

Tradução e introdução
Caetano W. Galindo



Copyright © 2006 by Tom Stoppard
Copyright da introdução © 2011 by Caetano W. Galindo

A letra da música “Golden Hair”, do álbum *The Madcap Laughs*, lançado em 1970 por Syd Barret, foi reproduzida com a permissão do espólio de Syd Barret; baseada no poema v de *Música de câmara*, “Inclina-te à janela...”, de James Joyce, publicado em 1907, reproduzido com a permissão do espólio de James Joyce.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Jeff Fisher

Preparação Cecília Ramos

Revisão
Thaís Totino Richter
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stoppard, Tom
Rock 'n' roll e outras peças / Tom Stoppard ; tradução
Caetano W. Galindo — São Paulo : Companhia das Letras,
2011.

Título original : Rock 'n' roll.
ISBN 978-85-359-1974-5

1. Grupo de Rock - Peça de teatro 2. Teatro inglês 3. Teatro inglês - Coleções 1. Título.

11-10412 CDD-822.33

Índice para catálogo sistemático:

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

7 Introdução — Caetano W. Galindo

15 Arcádia

119 De verdade

203 O verdadeiro Inspetor Cão

251 Pastiches

333 Rock ‘n’ roll

439 Rosencrantz e Guildenstern morreram

535 O Hamlet de Dogg, o Macbeth de Cahoot

617 Sobre o autor

ARCÁDIA

Arcádia estreou no Lyttelton Theatre, Royal National Theatre, no dia 13 de abril de 1993, com o seguinte elenco:

THOMASINA COVERLY	Emma Fielding
SEPTIMUS HODGE	Rufus Sewell
JELLABY	Allan Mitchell
EZRA CHATER	Derek Hutchinson
RICHARD NOAKES	Sidney Livingstone
LADY CROOM	Harriet Walter
CAPITÃO BRICE, RN	Graham Sinclair
HANNAH JARVIS	Felicity Kendal
CHLOË COVERLY	Harriet Harrison
BERNARD NIGHTINGALE	Bill Nighy
VALENTINE COVERLY	Samuel West
GUS COVERLY &	
AUGUSTUS COVERLY	Timothy Matthews

<i>Direção</i>	Trevor Nunn
<i>Cenografia</i>	Mark Thompson
<i>Iluminação</i>	Paul Pyant
<i>Música</i>	Jeremy Sams

Personagens

THOMASINA COVERLY, treze anos de idade, e depois dezesseis

SEPTIMUS HODGE, seu tutor, 22 anos, e depois 25

JELLABY, mordomo, meia-idade

EZRA CHATER, poeta, 31

RICHARD NOAKES, paisagista, meia-idade

LADY CROOM, trinta e poucos

CAP. BRICE, RN,¹ trinta e poucos

HANNAH JARVIS, escritora, quase quarenta

CHLOË COVERLY, dezoito anos

BERNARD NIGHTINGALE, professor universitário, quase quarenta

VALENTINE COVERLY, entre 25 e trinta

GUS COVERLY, quinze anos

AUGUSTUS COVERLY, quinze anos

¹ Royal Navy, Marinha real. (N. T.)

Primeiro ato

CENA 1

Uma sala no jardim de uma casa de campo muito ampla em Derbyshire, em abril de 1809. Hoje, a casa seria chamada de mansão. A parede do fundo do palco é composta basicamente de altas janelas elegantes, sem cortinas, com uma ou mais delas funcionando como portas. Não é preciso dizer ou ver muito do exterior para além delas. Acabamos sabendo que a casa fica no meio de um típico jardim inglês do período. Talvez vejamos uma indicação disso, talvez apenas luz e ar e céu.

A sala parece nua apesar da grande mesa que ocupa seu centro. A mesa, as cadeiras de encosto reto e, única outra peça de mobília, uma prancheta de arquiteto ou atril de leitura seriam todos hoje objetos de colecionador, mas aqui, sobre um piso de madeira sem tapetes, não pretendem ser mais que uma sala de aula, que é de fato a função principal do cômodo neste momento. Qualquer elegância que possa ali existir é arquitetônica, e nada é imponente a não ser a escala. Há uma porta em cada uma das paredes. Elas estão fechadas, mas uma das janelas francesas se abre para uma manhã clara ainda que encoberta.

Há duas pessoas, ambas entretidas com livros e papéis, caneta e tinta, separadamente ocupadas. A pupila é Thomasina Coverly, de treze anos. O tutor é Septimus Hodge, 22. Cada um deles tem um livro aberto. O dela é uma fina cartilha de matemática. O dele, um belo volume in-quarto, grosso, novo em folha, um objeto exibicionista, com fitinhas que se atam para fechar o livro. Seus papéis avulsos etc. ficam guardados em uma pasta rígida que também se fecha com fitas.

Septimus tem um jabuti que é sonolento a ponto de servir de peso de papel.

Também sobre a mesa estão um teodolito antiquado e alguns outros livros empilhados.

THOMASINA Septimus, o que seria conluio carnal?

SEPTIMUS Conluio carnal é a prática de se mancomunar com um bife.

THOMASINA E só?

SEPTIMUS Não... Com um pernil de cordeiro, um lombo de vitela bem confiável, um plano secreto com um ganso... *caro, carnis*; feminino; carne.

THOMASINA E é pecado?

SEPTIMUS Não necessariamente, senhorita, mas quando o conluio carnal é pecaminoso, trata-se de um pecado carnal, cqd. Nós vimos *caro* em nossa Guer-

ra Gálica — “Os bretões vivem de leite e carne” — “*lacte et carne vivunt*”.
Lamento que a semente tenha caído em solo pedregoso.

THOMASINA Foi esse o pecado de Onan, não foi, Septimus?

SEPTIMUS Sim. Ele deu uma aula de latim à esposa do irmão e ela saiu sabendo tanto quanto sabia antes. Achei que a senhorita estivesse procurando uma prova para o último teorema de Fermat.

THOMASINA É muito difícil, Septimus. Você vai ter que me mostrar.

SEPTIMUS Se eu soubesse, não seria preciso perguntar à *senhorita*. O último teorema de Fermat ocupa as pessoas há cento e cinquenta anos, e eu tinha esperanças de que pudesse manter a *senhorita* ocupada o bastante para eu poder terminar de ler o poema do senhor Chater, uma ode ao amor, sendo distraído apenas por seus próprios absurdos.

THOMASINA Nossa senhor Chater escreveu um poema?

SEPTIMUS Ele acredita que escreveu, sim. Em minha opinião, pode muito bem haver mais carnalidade em sua álgebra que em *O divã de Eros* do senhor Chater.

THOMASINA Ah, não era a álgebra. Eu ouvi Jellaby dizendo à cozinheira que tinham apanhado a senhora Chater em conluio carnal no gazebo.

SEPTIMUS (pausa) É mesmo? Teria Jellaby mencionado com quem?

Thomasina pensa nisso, com uma expressão intrigada.

THOMASINA Como assim, com quem?

SEPTIMUS Com o quê? Exatamente. A ideia é absurda. De onde surgiu essa história?

THOMASINA O senhor Noakes.

SEPTIMUS O senhor Noakes!

THOMASINA O paisagista do papai. Ele estava fazendo medições no jardim quando viu — com a luneta — a senhora Chater no gazebo, em conluio carnal.

SEPTIMUS E a senhorita está me dizendo que o senhor Noakes contou ao morador?

THOMASINA Não. O senhor Noakes contou ao senhor Chater. Quem contou a Jellaby foi o cavalariço, que entreouviu o senhor Noakes contar ao senhor Chater, no estábulo.

SEPTIMUS Sendo que o senhor Chater estava atrás de sua potranca.

THOMASINA Como assim, Septimus?

SEPTIMUS Então, até aqui, as únicas pessoas que sabem dessa história são o senhor Noakes, o paisagista, o cavalariço, o mordomo, a cozinheira e, claro, o marido da senhora Chater, o poeta.

THOMASINA E Arthur, que estava limpando a prataria, e o engraxate. E você agora.

SEPTIMUS Claro. O que mais ele disse?

THOMASINA O senhor Noakes?

SEPTIMUS Não, não o senhor Noakes. Jellaby. Você ouviu Jellaby contando à cozinheira.

THOMASINA A cozinheira mandou ele ficar quieto assim que ele começou. Jellaby não tinha visto que tinham me deixado acabar com a torta de coelho de ontem antes de vir para a aula. Acho que você não foi sincero comigo, Septimus. Afinal, um gazebo não é um açougue.

SEPTIMUS Eu jamais afirmei que minha definição estivesse completa.

THOMASINA Conluio carnal é beijar?

SEPTIMUS Sim.

THOMASINA E abraçar a senhora Chater?

SEPTIMUS Sim. Agora vamos ao último teorema de Fermat...

THOMASINA Eu achava mesmo que sim. Espero que você esteja com vergonha.

SEPTIMUS Eu, senhorita?

THOMASINA Se você não me ensinar o sentido verdadeiro das coisas, quem é que vai ensinar?

SEPTIMUS Ah. Sim, estou envergonhado. O conluio carnal é o intercurso sexual, que é a inserção do órgão genital masculino no órgão genital feminino com finalidades procriativas e recreativas. O último teorema de Fermat, no entanto, afirma que quando x , y e z são números inteiros elevados a uma potência n , a soma dos primeiros jamais será igual ao terceiro quando n for maior que 2.

Pausa.

THOMASINA Urghhh!

SEPTIMUS E mesmo assim é um teorema.

THOMASINA É nojento e incompreensível. Agora quando eu crescer e puder praticar, eu não vou conseguir sem ficar pensando em você.

SEPTIMUS Muito grato, senhorita. A senhora Chater desceu hoje de manhã?

THOMASINA Não. Conte-me mais do intercurso carnal.

SEPTIMUS Não há mais nada a se dizer sobre o intercurso carnal.

THOMASINA É o mesmo que o amor?

SEPTIMUS Ah, não, é muito mais divertido. (*uma das portas laterais dá para a sala de música. É a outra porta que agora se abre para dar entrada a Jellaby, o mordomo*)
Estou dando aula, Jellaby.

JELLABY Perdão, senhor Hodge, mas o senhor Chater disse que era urgente que o senhor recebesse esta carta.

SEPTIMUS Ah, muito bem. (*Septimus pega a carta*) Obrigado. (*e para liberar Jellaby*) Obrigado.

JELLABY (*sem recuar*) O senhor Chater pediu que eu levasse sua resposta.

SEPTIMUS Minha resposta? (*ele abre a carta. Não tem um envelope propriamente dito, mas uma “cobertura” que, dobrada e selada, presta o mesmo serviço. Septimus joga a cobertura negligentemente de lado e lê*) Bem, minha resposta é que é meu hábito e meu dever para com sua senhoria me ocupar até quinze para meio-dia da educação de sua filha. Quando tiver acabado, e se o senhor Chater ainda estiver lá, terei prazer em esperar por ele (*verifica na carta*) na sala de armas.

JELLABY Eu lhe direi isso, obrigado, senhor.

Septimus dobra a carta e a coloca entre as páginas de O divã de Eros.

THOMASINA O que teremos para o jantar, Jellaby?

JELLABY Presunto cozido com repolho, senhorita, e arroz-doce.

THOMASINA Ah, que bom.

Jellaby sai.

SEPTIMUS Bem, chega do senhor Noakes. Ele posa de cavalheiro, filósofo do pitoresco, visionário que consegue mover montanhas e gerar lagos, mas, no esquema geral do jardim, ele é como a serpente.

THOMASINA Quando você mexe o arroz-doce, Septimus, a colher de geleia se espalha deixando uma trilha vermelha como a figura de um meteoro em meu atlas astronômico. Mas se você mexe ao contrário, a geleia não volta a se reunir. A bem da verdade, o doce não se dá conta e continua a ficar rosa exatamente como antes. Você acha isso estranho?

SEPTIMUS Não.

THOMASINA Bem, pois eu acho. Não se pode desmisturar mexendo.

SEPTIMUS Nunca, de fato, pois o tempo teria de correr ao contrário; e, como ele não corre, temos de ir abrindo nosso caminho a colheradas, misturando tudo enquanto isso, desordem vinda da desordem gerando desordem até que tudo esteja rosa, estável e imutável, e tenhamos desistido para sempre. A isso se chama livre-arbítrio ou autodeterminação. (*ele pega o jabuti e o desloca alguns centímetros, para cima de algumas folhas soltas, como se tivesse tentado fugir, e o censura*) Sentado!

THOMASINA Septimus, você acha que Deus é newtoniano?

SEPTIMUS Etoniano?² Quase certo que sim, receio. Precisamos pedir que seu irmão verifique assim que chegar lá.

THOMASINA Não, Septimus, newtoniano. Septimus! Será que eu sou a primeira pessoa a pensar nisso?

SEPTIMUS Não.

THOMASINA Eu não disse ainda.

SEPTIMUS “Se tudo, do mais distante planeta ao menor átomo de nosso cérebro, age de acordo com as leis do movimento de Newton, o que resta do livre-arbítrio?”

THOMASINA Não.

SEPTIMUS Arbítrio divino.

THOMASINA Não.

SEPTIMUS Pecado.

THOMASINA (*ridicularizando-o*) Não!

SEPTIMUS Muito bem, então.

THOMASINA Se fosse possível deter cada átomo em sua posição e direção, e se sua mente pudesse abranger todas as ações assim suspensas, então se você fosse bom, mas bom *mesmo* em álgebra, você poderia escrever a fórmula de todo o futuro; e, embora ninguém possa ser tão esperto assim, a fórmula deve existir exatamente como se alguém pudesse.

SEPTIMUS (*pausa*) Sim. (*pausa*) Sim, até onde eu saiba a senhorita é a primeira pessoa a ter pensado nisso. (*pausa. Com um esforço*) Na margem de sua cópia da *Arithmetica*, Fermat escreveu que tinha descoberto uma prova maravilhosa

2 Aluno do Eton College. (N. T.)

de seu teorema, mas que a margem era estreita demais para tal fim e não tinha espaço para que ele a escrevesse. A anotação foi encontrada depois de sua morte, e daquele dia em diante...

THOMASINA Ah! Agora eu entendi! A resposta é perfeitamente óbvia.

SEPTIMUS Dessa vez a senhorita pode ter dado um passo maior do que as pernas. (*a porta se abre, com alguma violência. Chater entra*) Senhor Chater! Talvez minha mensagem não lhe tenha chegado. Estarei livre às quinze para meio-dia, se lhe convier.

CHATER Não convém, senhor. Meu assunto não pode esperar.

SEPTIMUS Então presumo que o senhor pediu a opinião de lorde Croom, sobre seu assunto ser mais importante que a aula da filha de sua senhoria.

CHATER Não pedi, mas, se o senhor quiser, eu peço a sua senhoria que decida nossa questão.

SEPTIMUS (*pausa*) Senhorita, leve nosso Fermat para a sala de música. A senhorita ganha uma colher a mais de geleia se encontrar a prova.

THOMASINA Não existe prova, Septimus. O que ficou perfeitamente óbvio foi que ele escreveu aquilo como uma piada, para deixar vocês loucos.

Thomasina sai.

SEPTIMUS Então, senhor, que assunto é esse que não pode esperar?

CHATER Acho que o senhor sabe. O senhor insultou minha esposa.

SEPTIMUS Insultei? Isso negaria minha natureza, minha conduta, e a admiração que tenho pela senhora Chater.

CHATER Ouvi falar de sua admiração, senhor! O senhor insultou minha esposa no gazebo ontem à tarde!

SEPTIMUS O senhor está equivocado. Eu fiz amor com sua esposa no gazebo. Ela me pediu que a encontrasse, o bilhete dela ainda está em algum lugar, ouso dizer que poderia encontrá-lo para o senhor, e se alguém anda espalhando que eu não compareci, por meu Deus, senhor, é mera calúnia.

CHATER Seu lascivo desgraçado! Você arrastaria na lama a reputação de uma dama apenas para encontrar algum refúgio para sua covardia. Não vai funcionar! Eu o estou acusando!

SEPTIMUS Chater! Chater, Chater, Chater! Meu caro amigo!

CHATER O senhor se atreve a me chamar assim. Exijo satisfações!